

AS FORMAS DE INTERAÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES DE JOVENS BRASILEIROS IMIGRANTES EM PORTUGAL

GT – Sociologia da Infância e Juventude

MARIA MADALENA GRACIOLI

RESUMO

Este texto que se insere na interface da Sociologia da Juventude e da Sociologia das Migrações, resulta de excertos de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Teve por finalidade identificar, em meio a uma população numerosa e diversificada, como a dos imigrantes brasileiros que vivem em Portugal, a parcela constituída por jovens brasileiros, com o objetivo de conhecer como ocorrem os seus processos de integração na sociedade acolhedora, interação com jovens portugueses, e, suas representações acerca da sociedade e dos colegas lusos. Assim, foi possível entender os processos de integração e (re)negociação de expressividades, posicionamentos, valores e símbolos da condição juvenil, bem como, fragilidades e potencialidades da inserção na sociedade portuguesa.

Palavras chave: jovens, imigrantes, integração

INTRODUÇÃO

Normalmente as pesquisas sobre a imigração brasileira em Portugal dão prioridade aos estudos das características da imigração, destacando questões econômicas, de gênero, e estereótipos atribuídos aos brasileiros. Este texto, procura aproximar os estudos de juventude dos estudos migratórios, especificamente da imigração brasileira em Portugal. A ideia desta investigação é contribuir por meio da apresentação de algumas categorias de análise, com a discussão de um amplo campo de investigação sobre estudos de juventude em contextos migratórios.

O interesse em estudar os jovens brasileiros que vivem em Portugal se deu por vários motivos. Em primeiro lugar, porque os estudos migratórios, nomeadamente os que tratam da imigração brasileira em Portugal, não destacam os jovens como uma categoria social específica, colocando-os em situação secundária e não como centro de pesquisas. Em segundo lugar, porque se trata de uma população com número considerável de indivíduos que vive uma fase da vida que necessita de atenção, uma vez que, pelas suas trajetórias de vida, poderão desfrutar de potencialidades para o crescimento pessoal e cultural, assim como poderão escolher caminhos que os lançarão à situação de vulnerabilidade. E, em terceiro lugar, porque tendo nascido no Brasil carregam a identidade de sua terra natal, e a vida em outro país coloca desafios ao processo (re)construção da identidade.

Embora a literatura sobre a juventude seja ainda pequena, os resultados de estudos têm despertado a atenção e o interesse de muitos setores da sociedade, com os mais diferentes interesses e motivações. Os pesquisadores desse tema tentam elaborar investigações que possam proporcionar um panorama esclarecedor da realidade juvenil. No entanto, a maioria dos trabalhos aborda a temática da juventude como questão social ou sinônimo de problema. Há poucos estudos e pesquisas acadêmicas sobre jovens migrantes, seja dentro do país ou no contexto das migrações internacionais.

Normalmente as investigações sobre as migrações internacionais incluem os jovens na categoria trabalhador, nos estudos de gênero, ou, consideram apenas como de filhos de imigrantes ou estudantes estrangeiros. Portanto, tenta-se aqui aproximar a Sociologia da Juventude e Sociologia das Migrações. Para chegar aos objetivos da pesquisa, foi necessário levar em conta duas observações: a primeira é

que, para melhor perceber a realidade da juventude, foi preciso dirigir o olhar a diferentes ângulos de observação, a segunda, é que, a atenção dirigida a cada um dos ângulos, revelou quão diferentes e multiformes se revela a realidade juvenil, principalmente, em contexto migratório.

Desse modo, procurou-se conhecer os jovens em seus contextos sociais, no novo lugar de vida. Esse foi um dos motivos de realizar a investigação em três diferentes regiões de Portugal (Costa da Caparica, região de Lisboa e região do Porto). Compreende-se que o novo lugar de vivência é o espaço onde os jovens imigrantes vão estabelecer as novas relações, as suas práticas e convívios cotidianos. O novo lugar, passa a ser a base territorial na qual se produz as inter-relações da vida pessoal cotidiana e se (re)constróem as identidades.

Por se tratar de uma pesquisa social, os instrumentos de coleta de dados selecionados precisavam dar conta de responder aos questionamentos formulados e aos objetivos propostos; sendo assim, foram utilizadas, as entrevistas semiestruturadas e os formulários eletrônicos, com a finalidade de focalizar as diversas nuances que caracterizam o mundo juvenil. Ressalta-se que utilização dos formulários eletrônicos não teve como objetivo quantificar os dados, mas atingir o maior número possível de jovens.

Cabe destacar que este texto resulta de excertos de uma pesquisa denominada “(Re)inventando o futuro: o processo de integração de jovens brasileiros em Portugal e a reconstrução da identidade juvenil em contexto migratório” que foi desenvolvida no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob a supervisão científica da Dr^a Elsa Lechner, e que contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

1 – A integração e a interação de jovens brasileiros na sociedade portuguesa

O sucesso ou insucesso na trajetória migratória prendem-se a um conjunto de fatores de várias ordens, impossíveis de prever no momento da partida. Porém, no conjunto desses fatores estão as condições que vão encontrar na sociedade receptora que pode favorecer ou dificultar a adaptação e a interação à estrutura social, na qual o imigrante dará continuidade à sua experiência enquanto ser social.

É por isso que a integração do imigrante na nova sociedade, é de fundamental importância tanto para o imigrante quanto para a sociedade acolhedora, pois as formas de integração e a interação podem facilitar ou dificultar o contato e a convivência para as duas partes.

Nos estudos migratórios, uma das definições de integração do imigrante mais usual é a de Papademetriou (2003), que define integração como o processo de ajustamento e adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento, pelo qual, ao longo do tempo, as comunidades recém-chegadas e a população do país receptor formam um todo integrado.

Normalmente, quando se fala em integração refere-se a categorias já clássicas nos estudos migratórios: integração no mercado de trabalho, escola, sistema de saúde e seguridade social, qualificação profissional, moradia, consumo, nível de renda, participação cívica e cultural, aceitação dos valores, normas e conhecimento da língua da sociedade acolhedora, dentre outros. Pela integração busca-se a participação das minorias imigrantes e a harmonia com a sociedade acolhedora numa relação de reciprocidade.

Parece caber aos especialistas em políticas de integração do imigrante formular e implementar soluções práticas e planos de ações capazes de promover a integração de forma a não colocar em risco a coesão da sociedade, uma vez que as sociedades tornam-se cada mais plurais e, a pluralidade vem também acompanhada de preconceito e discriminação de aspectos culturais, tais como a língua, valores educacionais, formas de lazer, hábitos de saúde e trabalho, que muitas vezes se tornam pontos de discórdia e conflitos. Nesses termos, cabe às instituições públicas evitar os conflitos; para tanto, criam-se políticas de integração dos imigrantes nem sempre eficazes porque não centram nos direitos e

necessidades dos imigrantes, mas, principalmente, na manutenção da ordem social para evitar os conflitos.

Nessas políticas não importa o motivo que leva os indivíduos ou famílias a migrar, ou seja, fatores econômicos, políticos ou naturais, ou razões pessoais. Também não são levadas em conta as diferenças que os migrantes possam ter, sejam de classe, gênero ou raça. O que importa é integrá-lo na identidade cultural do grupo dominante.

Nesse sentido, a integração pouco se afasta do sentido de assimilação, aqui entendido como o abandono ou adaptação por parte dos imigrantes, dos seus estilos de vida e dos seus costumes, e a aquisição dos valores da maioria dominante, o que os tornam admissíveis na sociedade acolhedora, reduzindo a diversidade cultural e aumentando o sentimento de pertença ao grupo majoritário. Ou, numa concepção mais moderna, corresponde ao que HALL (2003, p. 51) chama de Multiculturalismo liberal: “que busca integrar os diferentes grupos culturais o mais rápido possível ao *mainstream*, ou sociedade majoritária, baseando em uma cidadania individual universal, tolerando certas práticas culturais particularistas apenas no domínio privado”.

Num sentido contrário, as políticas e ações de integração do imigrante realizadas de forma pluridimensional, concentrando no desafio de envolver a ação de acolhimento pela coletividade autóctone à valorização do potencial dos seus novos membros e considerando que o processo de acolhimento não envolve apenas o indivíduo, mas também o grupo e todo o tecido social e institucional. Quando o imigrante é considerado como cidadão e a ele é oferecida a oportunidade de participação ativa na vida social, também lhe toca o interesse na invenção de novas normas sociais, de intercâmbio cultural, da criação de laços comunitários e de participação em ações coletivas, em regras partilhadas e direitos iguais. Nesse sentido, a hipótese utilizada é que a maioria dos seus membros é motivada pelo mesmo desejo de viver juntos, assim, se dispõem a ajustar as suas atitudes e comportamentos de modo que esse desejo possa ser realizado em troca de benefícios individuais e coletivos, que são produzidos coletivamente.

Portugal se destaca entre os países europeus pelas políticas de integração dos imigrantes, demonstrando uma vocação democrática no estabelecimento de canais aproximação, acolhimento e interação com os imigrantes; mas, ainda não contempla os jovens imigrantes como foco de políticas públicas e as ações que existem estão longe de atender às necessidades específicas dessa categoria social; isso significa, negar e ignorar o jovem enquanto imigrante. Por conseguinte, não o considera em sua condição de sujeito social e cultural, seus valores, sua identidade e sua inquestionável condição humana.

É, portanto, imprescindível que as políticas públicas voltadas para o acolhimento e integração do imigrante considerem o lugar da juventude migrante no tecido social, considerando-o em sua forma distinta, com seus objetos, roupas, adereços, relacionamentos, necessidade de formação e inserção no mercado de trabalho. Porém, isso nem sempre ocorre; dados desta investigação mostram que mesmo com disponibilidade para integrar e inserir o imigrante, a estrutura social coloca desafios que fogem aos objetivos propostos. A maioria dos jovens que participaram desta pesquisa estão inseridos na escola, seja na Educação básica, secundária ou em cursos superiores. No entanto, seus depoimentos revelam uma série de dificuldades no processo de integração e interação na escola,

Uma delas corresponde ao tempo de permanência na escola, uma vez que a maioria frequentava escolas públicas no Brasil, nas quais a permanência diária na escola é em média de cinco a cinco horas e meia, e em Portugal é considerada “escola a tempo inteiro”, ou seja, jornada integral. Dessa forma, ficar o dia todo na escola representa inicialmente certa agonia e tédio, que somente com o processo de adaptação e de criação de uma rotina de estudos é que possibilita a superação desse desconforto inicial.

Umadas maiores dificuldades relatada relaciona-se com as exigências e nível de ensino das escolas portuguesas, percebidas pelos jovens como mais exigente e “puxada” do que no Brasil. Falam que sentem dificuldades para acompanhar o nível dos estudantes portugueses, e em consequência,

precisam de maior dedicação, atenção e estudo, poucos não tiveram alguma reprovação, a maioria afirma ter “chumbado” uma ou mais vezes. Esse elevado índice de reprovação reflete na motivação dos jovens para os estudos, alguns jovens afirmam ter deixado a escola em virtude das repetidas reprovações. Relatam em especial, as dificuldades com o ensino da Língua Portuguesa, sua forma de escrever e pronunciar.

Apontam também dificuldade no aprendizado de idiomas estrangeiros, reconhecendo que nas escolas públicas brasileiras não há seriedade no ensino desses componentes curriculares, alguns sentem-se constrangidos por não dominar nenhum idioma estrangeiro, e até mesmo pelas dificuldades com a própria Língua portuguesa. Para conseguir resultados suficientes para aprovação precisam recorrer às aulas de reforço, principalmente as de Língua Portuguesa que são oferecidas pelas escolas. Cabe ressaltar que os constantes constrangimentos pela discriminação e preconceito afetam a autoestima causando também distúrbios de aprendizagem.

A trajetórias desse jovens marcadas por insucesso escolar fazem eclodir um sentimento de auto desvalorização, pois, não conseguem ter o mesmo sucesso dos jovens portugueses, desse modo, encontram dificuldade para posicionar-se e encontrar o seu lugar no presente e, conseqüentemente o futuro é visto como incerto.

Para além das dificuldades relativas ao processo de aprendizagem, outro problema encontrado no espaço escolar, é a dificuldade em fazer amigos; normalmente há um tendência em juntar-se a outros brasileiros. Relatam que no espaço escolar não há conflitos e sim boas relações com os colegas; entretanto, nem sempre é o mesmo que ocorre fora dos muros da escola. Alguns reagem a violações de sua identidade procurando juntar-se a outros brasileiros, ou, a jovens de outras nacionalidades, imigrantes que enfrentam as mesmas dificuldades.

Também nas atividades culturais e esportivas o processo de integração e interação é dificultado por uma série de fatores que levam os jovens brasileiros a buscar formas de lazer que os aproximem da cultura do seu país de origem.

Os jovens de qualquer lugar ou classe social, procuram diferentes formas de ocupar o tempo livre, geralmente o esporte, o lazer e as atividades culturais, são maneiras de preencher esse tempo e, ao fazê-lo, tecem laços de sociabilidade, de amizade, de companheirismo. Desse modo, a compreensão das distintas formas de apropriação do tempo livre é fundamental em qualquer reflexão sobre a juventude, como recomenda Pais (1993, p. 132): “[...] pode-se mesmo dizer que quem não quiser falar de lazer deve calar-se, se sobre a juventude quiser falar”.

As atividades esportivas e culturais e outras formas de lazer sempre foram, e continuam a ser, fonte de diversão, entretenimento, descontração e sociabilidade. São palcos em que a maioria dos jovens manifesta pela primeira vez a sua liberdade e independência da tutela dos adultos, sobretudo dos pais e dos professores; são nesses palcos que vão aprender a relacionar-se e conviver com outros jovens, como iguais. Essa fase da vida é propícia para a aquisição do capital cultural que irá servir de base para escolhas e projetos para a idade adulta.

Os jovens dispõem de mais tempo livre para vivenciar essas atividades numa intensidade e quantidade maiores do que as pessoas já inseridas no mercado de trabalho; no entanto, ao dirigir o olhar aos jovens brasileiros que vivem em Portugal, observa-se que sua participação em atividades de lazer em grupos é menos frequente do que aquelas praticadas individualmente, ou aquelas assentadas apenas no convívio, na sociabilidade.

Os jovens procuram realizar atividades esportivas, de lazer e culturais, nas quais possam imprimir um estilo que lhe seja típico, um estilo caracterizado pela sua cultura, quer seja do seu bairro, da sua região ou do seu país, criando um contexto possível para demarcar as suas expectativas, os seus valores e significados, que são condicionados e que condicionam o meio em que vivem. Assim, espera-se que em contexto migratório, os jovens tenham possibilidade de compartilhar as suas formas de

expressões e, ao mesmo tempo, conviver com as diferentes expressões dos jovens do país acolhedor e também, com jovens de outras nacionalidades.

Nem sempre isso ocorre, porque marcados por estereótipos, discriminação e preconceito, tendem a buscar formas de lazer e de participação em atividades esportivas e culturais onde passam compartilhar a cultura e as expressões típicas à maioria dos jovens brasileiros.

Por terem um pequeno grupo de amigos e devido às dificuldades de socialização com os jovens portugueses muitos jovens brasileiros preferem atividades de lazer, individuais e muitas vezes solitárias, para preencher o tempo livre: ouvir música, jogos no celular ou televisão, navegar na internet, assistir televisão (geralmente canais brasileiros). São, portanto, atividades realizadas quase sempre, dentro de casa, depois da aula ou do trabalho.

Estar sozinho ou com amigos brasileiros é uma forma de não precisarem negociar a identidade, de poderem fazer aquilo que gostam e ser como realmente são. Mas, por se tratar de formas de lazer individualizadas, privadas e, utilizadas para passar o tempo, logo menos públicas e coletivas, os jovens deixam de participar de atividades esportivas e culturais coletivas que por si só seriam meios de socialização com jovens portugueses.

A falta de socialização, de laços de amizade e partilha com jovens do país de acolhimento, deixa evidente a necessidade da participação dos adultos para ajudá-los a encontrar formas de tecer laços de reciprocidade e meios de compartilhar as duas diferentes culturas, proporcionando aos jovens brasileiros maior emancipação e reconhecimento da sua condição de jovem imigrante. Normalmente, esse olhar na perspectiva da condição “jovem”, e não simplesmente imigrante, passa despercebido nas políticas de acolhimento aos imigrantes, mas que são importantes aspectos da vida cotidiana de qualquer jovem, e por isso, não podem ser ignoradas.

2- Representações sociais dos jovens brasileiros acerca dos jovens portugueses

Para essa investigação foram utilizadas representações sociais, como categoria analítica na área da Sociologia. A representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Tais coisas que nos parecem estranhas e perturbadoras têm também algo a nos ensinar sobre a maneira como as pessoas pensam e o que as pessoas pensam (Moscovici, 2010).

Desse modo, quando se fala em representações sociais, parte-se da premissa de que elas sejam elaborações mentais construídas socialmente, considerando a dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. O objeto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana, ou seja, uma réplica interiorizada da ação.

Para MOSCOVICI (2010) as representações sociais possuem duas funções:

- a) Elas “convencionalizam” os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele.[...] Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. (p. 34)
Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações,

como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitam ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções. (p.35)

- b) Representações são ‘prescritivas’, isto é, elas seimpõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (p.36)

Portanto, as representações sociais são partilhadas pelas pessoas influenciando umas às outras.

Os jovens que participaram desta investigação mostraram ao longo das entrevistas as representações construídas acerca dos colegas portugueses:

Na grande maioria muito bem informados a nível de conhecimentos gerais, de modo geral possuem grande conteúdo literário. Mas sem dúvida que é uma juventude que cresce cada vez mais em "decadência psicológica" com uso muito precoce de ansiolíticos e antidepressivos. Em consequência da depressão, são alcoólicos prematuros, fumantes e usuários de drogas antes de 16 anos. Vivem em uma utopia social. Desconhecem uma vida saudável e pouco praticam desporto. (Letícia, 20 anos, 6 anos em Portugal)

Não sei bem, porque não tenho amigos portugueses, mas eles são muito parados, a diversão deles é diferente da nossa, os jovens brasileiros são mais alegres. (Luara, 21 anos, menos de 2 anos em Portugal)

São pessoas legais, mas na deles, não gostam de sair, estudam muito e são também muito fechados. (Petúlia, 18 anos, 5 anos em Portugal)

Um pouco acomodados, não gostam de trabalhar nem de estudar, ficam à espera de milagres. (Cleber, 24 anos, 14 anos em Portugal)

Acho que os jovens portugueses não são felizes, não se esforçam, são acomodados, e como sempre tiveram tudo de mãos beijadas não valorizam o que tem. (César, 22 anos, 8 anos em Portugal)

Nas representações construídas sobre os colegas portugueses em algumas coisas estes aparecem como melhores; em outras os brasileiros. Pelas dificuldades que sentem na escola para acompanhar o ritmo de estudos, uma vez que consideram que no Brasil o ensino é mais “fraco” que em Portugal, a tendência é valorizar a capacidade intelectual e as habilidades literárias dos jovens portugueses, e essa é a única representação positiva que possuem acerca dos colegas lusitanos.

Predomina, em contrapartida, uma imagem negativa dos jovens portugueses: fechados, pouco esforçados, infelizes, prematuramente usuários de drogas, fumantes e alcoolatras. Essas representações são criadas a partir das representações que possuem de si mesmos, não somos inteligentes, não dominamos os conteúdos escolares, mas somos alegres, felizes, responsáveis. Desse modo, é preciso compreender que esses jovens são seres deslocados de seu lugar de origem, distantes da cultura da sua terra natal, inseridos em outra realidade social e cultural, com expectativas diferenciadas dos jovens portugueses, com dificuldades variadas e com distintos níveis de apreensão crítica da realidade. Além disso, é preciso considerar ainda, que estas representações são construídas a partir da vivência numa sociedade que os discriminam, onde possuem pouco espaço para manifestação de seu modo de ser.

A percepção da desigualdade e o reconhecimento por parte dos jovens brasileiros de que eles não fazem parte da sociedade portuguesa, mas que também não são apartados do todo social, e que, se veem diante de uma realidade que os cerca e os confina na situação de estrangeiros, de pobres, marcados por estereótipos, levam-os numa forma inconsciente de auto defesa, a criar uma imagem negativa do outro e de valorizar as características positivas da sua identidade brasileira,

portanto, a forma como se veem e se reconhecem num contexto social não favorável às suas experiências juvenis, levam-os a não reconhecerem o lugar onde vivem como constitutivo da sua identidade, preferindo apegar-se às suas origens.

Nas suas representações estão presentes também como imaginam que os jovens portugueses vêem os jovens brasileiros:

Com muita admiração, acho que eles gostam do nosso jeito alegre de ser e, que gostariam de ser como nós. (Paula, 16 anos, Porto, 4 anos em Portugal)

Criou-se aqui um estereótipo em que o brasileiro ou é ladrão, traficante, malandro ou prostituta, é difícil escapar desse estereótipo. (Priscila, 24 anos, Porto, 14 anos em Portugal)

Eles não gostam muito de brasileiros, mas acho que a mulher sofre maior discriminação, por estar sempre associada a prostituição. (Liliana, 22 anos, Lisboa, menos de 2 anos em Portugal)

Acho que os mais velhos são mais preconceituosos em relação aos brasileiros que os jovens, mas a imagem do brasileiro é queimada, visto como ladrões, baderneiros e preguiçosos. (César, 24 anos, Costa da Caparica, 14 anos em Portugal)

Parece que eles não gostam muito de brasileiro, mas no meu trabalho eu não tenho problemas, eles me tratam bem, acho que até gostam de mim, porque sou sempre alegre, estou sendo fazendo piadas. (Lucas, 22 anos, Lisboa, 2 anos em Portugal)

O processo migratório é acompanhado de múltiplas alterações que afetam a identidade dos jovens, o contato com a cultura juvenil do país acolhedor pode causar certa estranheza, e, se o processo de interação não for bem sucedido, pode criar resistências à incorporação dos novos elementos culturais disponíveis na nova sociedade, que levam a mudanças na autoimagem e nas relações com os outros. Sofrendo influências diversas, por vezes contraditórias, os jovens têm que desbravar um difícil caminho para a constituição da própria identidade, trata-se de uma senda difícil obter o reconhecimento e fugir do preconceito, da discriminação e, especificamente dos estereótipos, como evidenciam os depoimentos acima. Percebe-se também a necessidade que possuem de auto valorizar a própria imagem e criar uma imagem negativa dos jovens portugueses; por outro lado, a imagem que acreditam que os outros possuem de si, é um tanto contraditória, mas sem dúvida assentada nos estereótipos.

A impossibilidade de ter por parte da sociedade portuguesa o mesmo reconhecimento atribuído aos jovens anfitriões, seja no estudo, no trabalho, em atividades esportivas ou culturais, uma vez que a sua identidade coletiva é socialmente desvalorizada, faz com que se sintam inferiores aos jovens portugueses.

Não percebendo as possibilidades de um futuro promissor na nova sociedade sentem-se em situação de fracasso, de desconfiança, de solidão afetiva que se traduz em sentimento de frustração, insegurança e desencanto.

Considerações finais

No contexto das migrações internacionais os jovens constituem um grupo que merece maior atenção e principalmente urge a necessidade de serem melhor conhecidos e focados quer nos estudos sobre as migrações internacionais, quer nas especificidades contextuais dos grupos juvenis com os quais convivem na sociedade acolhedora.

As políticas de integração de imigrantes precisam criar ações específicas para juventude, tanto no que tange à inserção na escola, trabalho e atividades esportivas e culturais, assim como, promoção da valorização da cultura juvenil dos jovens migrantes de forma a possibilitar a troca de experiências com os jovens portugueses, de maneira que o acolhimento possa ir além de apenas receber no país, na escola, no trabalho ou outras instituições, mas sobretudo, proporcionar meios de inserção e adaptação na nova sociedade.

O processo migratório promove um sentimento de pertença ao mesmo tempo em que fixa fronteiras, delimitando o “eu” ou “nós” majoritário, do “outro”, o estrangeiro, o diferente, que carrega uma identidade que estereotipa, humilha e estigmatiza. O imigrante convive com representações que vinculam os estereótipos às ideias de discriminação numa perspectiva de desqualificação. É essa identidade, vinculada aos estereótipos atribuídos aos brasileiros, que os jovens brasileiros que vivem em Portugal carregam, são marcas da sua origem que constituem barreiras para uma inserção igualitária na sociedade portuguesa. São jovens que carregam uma identidade espelhada num jeito de ser e viver que vem da cultura brasileira, criam e recriam sonhos para o presente e para o futuro, reconstróem a identidade em função do contexto social em que estão inseridos. É por isso que os jovens na condição de imigrantes precisam de pertença, inclusão e reconhecimento, como forma de reduzir a incerteza e os obstáculos e promover uma tranquila passagem para o mundo adulto.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

PAPADEMETRIOU, Demetrios G. – Policy considerations for Immigrant Integration, Migration Information Source. Fresh Thought, Authoritative Data, Global Reach, Migration Policy Institute, 2003. Disponível em: www.migrationinformation.org/Feature/print.cfm?ID=171 .Acesso: 08/05/2010.